

AS ESPECIFICIDADES DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O ESTÁGIO COMO POSSIBILIDADE DE REFLEXÃO-AÇÃO

Adriana de Freitas¹ - UNIVALI
Ana Carolina de Lima Boaventura Montandon² - UNIVALI

RESUMO: O artigo apresenta as análises elaboradas no Estágio Supervisionado: Pesquisa da Prática Pedagógica, do Curso de Pedagogia EaD da UNIVALI. Foi realizado em um Centro de Educação Infantil com crianças de dois a cinco anos. O estudo teve como objetivo analisar as especificidades da docência na Educação Infantil. As atividades de pesquisa foram desenvolvidas na perspectiva da abordagem qualitativa. A coleta de dados aconteceu por meio da observação participante, guiada por protocolos de observação, elaboração de planos de ação, intervenção e registro em diário de campo. O estudo permite inferir que ser professor de Educação Infantil exige um conjunto de qualidades específicas que vão além dos cuidados básicos com as crianças. Observar, relatar, produzir e interagir com as crianças são ações inerentes à docência que necessitam ser aprimoradas. A profissionalização do professor de Educação Infantil faz-se necessária para a sua valorização. Práticas assistencialistas, com rotinas centralizadas nas necessidades do adulto precisam ser revistas. Um planejamento flexível, concebido para e com as crianças, possibilita as mais diversas experiências e proporciona o desenvolvimento destas em todas as suas potencialidades. Investigar que profissional é esse que atua na Educação Infantil e o que ele espera de seu trabalho pode contribuir para as mudanças necessárias.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio Supervisionado. Educação Infantil. Planejamento; Prática Pedagógica. Prática Docente.

1 Introdução

A reflexão sobre o fazer pedagógico proporciona novas sínteses de conhecimento referentes ao próprio trabalho. É o momento de promover análises

¹ Adriana de Freitas, Pedagoga e Mestre em Educação, professora da Rede Municipal de Ensino de Balneário Camboriú e do Núcleo das Licenciaturas da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI.

² Ana Carolina de Lima Boaventura Montandon, acadêmica do Curso de Pedagogia da UNIVALI, agente em atividades de educação na Rede Municipal de Ensino de Itajaí.

das ações desenvolvidas no sentido de interiorizar tais realizações, o que implica reconhecer novos conhecimentos sobre a ação docente capazes de ampliar ou modificar o referencial desencadeador do processo.

É neste sentido que o Estágio Supervisionado, componente curricular obrigatório nos cursos de formação de professores, propicia momentos de reflexão crítica sobre a própria prática para os acadêmicos que já exercem a docência, o que para Pimenta e Lima (2010) faz com que o estágio se constitua como espaço de formação contínua e desenvolvimento profissional, viabilizado no Curso de Pedagogia EaD da UNIVALI, uma vez que é previsto no Regulamento do Estágio Obrigatório do curso (UNIVALI, 2012).

De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso (UNIVALI, 2012), um dos núcleos que estrutura a matriz curricular do curso é o núcleo de aprofundamento e diversificação de estudos, bem como os estudos integradores, compreendendo o eixo Pesquisa e Prática Pedagógica.

As disciplinas que constituem esse eixo estão fundamentadas na análise e na problematização de experiências que promovem a constituição de saberes sobre a ação, articulando a prática e a reflexão sobre as experiências. Por meio da disciplina Prática Docente: Projetos Integrados, que integra a matriz curricular do curso do 1º ao 4º período, os acadêmicos têm a possibilidade de realizar a observação participante e a análise dos contextos onde poderão exercer a profissão de pedagogos.

Na continuidade dessas ações, o Estágio Supervisionado: Pesquisa da Prática Pedagógica, do 5º ao 8º período, tem como campo de investigação e intervenção os ambientes escolares e outros contextos educacionais, por meio do desenvolvimento de programas e experiências escolares e não escolares, voltadas ao exercício da docência, nas áreas da Educação Infantil, Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos e Curso Normal Médio. Nos Cursos de Educação Profissional, o estágio pode ser realizado na área de serviços e apoio

escolar, além de outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.

Nessa direção, o estágio se desenvolve articulado ao contexto social das práticas educativas, constituindo-se, assim, numa atividade de pesquisa. É mais, numa atividade de pesquisa sobre a própria prática e sobre a instituição na qual é exercida a docência, no caso dos acadêmicos que já atuam na área da educação. De acordo com Pimenta e Lima (2005/2006, p. 11), “A profissão docente é uma *prática social*, ou seja, como tantas outras, é uma forma de se intervir na realidade social, no caso, por meio da educação que ocorre, não só, mas essencialmente nas instituições de ensino”.

De acordo com as autoras, o estágio possibilita aos acadêmicos compreenderem a complexidade das práticas institucionais e das ações desenvolvidas por seus profissionais, propiciando uma reflexão a partir da realidade, superando a concepção de que se trata da parte prática do curso, bem como a suposta dicotomia entre teoria e prática. É, portanto,

[...] atividade teórica, instrumentalizadora da práxis docente, entendida esta como a atividade de transformação da realidade. Nesse sentido, o estágio atividade curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, este sim objeto da práxis. Ou seja, é no trabalho docente do contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá (PIMENTA e LIMA, 2005/2006, p. 14).

Ademais, o estágio, quando realizado por acadêmicos que já atuam como professores, ou seja, que exercem a profissão, ainda que não tenham concluído a graduação em licenciatura plena, desencadeiam análises sobre as suas condições de trabalho, as dificuldades e possibilidades cotidianas (PIMENTA e LIMA, 2010).

Sendo assim, por conceber o estágio no contexto da práxis docente, apresentam-se as análises desencadeadas por meio do estágio realizado em um Centro de Educação Infantil - CEI de um município da Região da Foz do Rio Itajaí, pertencente à rede pública municipal. O CEI atende 122 crianças em período integral, do Berçário ao Jardim II, na faixa etária de 0 a 5 anos.

O estágio teve o propósito de analisar as especificidades da docência na Educação Infantil, seu contexto, seus integrantes e suas peculiaridades, contribuindo para a formação docente. Na constituição profissional do educador, toda pesquisa contribui para constantes melhorias e para a revisão da prática pedagógica, assim como possibilita a abertura de novos caminhos e entendimentos sobre o contexto de exercício da profissão.

O estágio foi desenvolvido na perspectiva da pesquisa de abordagem qualitativa. De acordo com Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos utilizando o contato direto do pesquisador com a realidade estudada, dando ênfase maior ao processo, às opiniões e reações dos participantes.

A coleta de dados foi realizada por meio de protocolos de observação e observação participante, com o propósito de conhecer de que forma são organizados os tempos e os espaços na instituição e no ambiente de aprendizagem, bem como a relação adulto/criança e criança/criança. Com base nesses dados, foram elaborados os planos de ação para subsidiar a intervenção docente com as crianças. Os registros escritos foram organizados em diário de campo. Já os registros fotográficos não serão analisados neste artigo.

As atividades de observação e intervenção foram desenvolvidas com crianças de 2 a 5 anos, nas turmas de Maternal - MII e Jardim - JII, em diferentes momentos. As professoras das turmas referidas são graduadas em Pedagogia e possuem especialização na área. Elas contam com a ajuda de duas auxiliares que exercem a função de agentes em atividades de educação e também possuem formação em Pedagogia.

A primeira etapa do estágio foi desenvolvida com a turma do Maternal II. O plano de ação e a intervenção foram direcionados pela temática “Meu corpo em movimento”, definida após a observação. Já a segunda etapa, realizada com o Jardim II, teve o plano de ação e a intervenção norteados pela temática “Despertando a imaginação: teatro de fantoches e oficina de arte”.

O estágio é momento importante na formação e constituição do educador. Ele ajuda a conhecer e a compreender o campo de atuação do pedagogo, relacionando teoria e prática. Durante o estágio, os educadores que atuam na área têm a oportunidade de reavaliar suas práticas e ações e isso foi perceptível durante esse estudo. Em ambos os casos, colocar-se como pesquisador permite aos professores um olhar crítico sobre a educação, nesse caso, mais especificamente sobre a Educação Infantil, e demonstra a necessidade de um profissional com habilidades específicas.

Ademais, a pesquisa no estágio possibilita o desenvolvimento de posturas e habilidades de pesquisador, uma vez que desencadeia uma atitude diante do conhecimento que não se restringe a considerá-lo como uma “verdade” para explicar as situações experienciadas. “Supõe que se busque novo conhecimento na relação entre as explicações existentes e os dados novos que a realidade impõe e que são percebidas na postura investigativa” (PIMENTA e LIMA, p. 15, 2005/2006). O relato a seguir espera contribuir com reflexões sobre a constituição profissional do professor de Educação Infantil.

2 As contribuições do espaço infantil na formação docente: as aprendizagens do estágio e no estágio

A primeira etapa da pesquisa realizada por meio da observação participante e guiada por protocolos de observação, com o propósito de conhecer de que forma são organizados os tempos e os espaços na instituição e no ambiente de aprendizagem, bem como a relação adulto/criança e criança/criança, foi desenvolvida com uma turma do Maternal II. A turma era composta por 15 crianças com idades entre 2 e 3 anos, uma professora com graduação e especialização e duas agentes em atividades de educação (uma para cada período) com graduação.

Por meio da observação participante foi possível inferir que as professoras fazem planejamento semanalmente, descrevendo suas atividades em uma planilha

baseada nas rotinas diárias das crianças e nas habilidades e competências a serem desenvolvidas. Além disso, é feito um relatório semanal que registra o desenvolvimento da turma diante das atividades propostas. Essa forma de planejamento foi implantada esse ano pela supervisora e os professores ainda estão se adequando. Existem queixas sobre a utilização da planilha que se torna rígida e repetitiva. Outra forma de registro é o caderno de ocorrências onde, tanto a professora, como as agentes, registram fatos inusitados, acidentes e recados importantes a serem comunicados a respeito das crianças. De acordo com informações fornecidas pelas professoras da instituição, no CEI, assim como em toda a rede municipal, na Educação Infantil, ainda não foi implantada a hora atividade determinada por lei como direito do professor.

Por meio dos indicadores do protocolo de observação, organizado nas categorias supracitadas, foi possível inferir que a relação das crianças com as professoras busca promover a conquista da autonomia. As crianças são incentivadas a realizar suas tarefas de higiene e alimentação sozinhas e recebem auxílio sempre que necessário, mas nunca vão, por exemplo, sozinhas ao banheiro, mesmo porque esses não são adaptados. As rotinas diárias, como sono e alimentação, apresentam-se sempre em horários fixos e o restante das atividades diárias acontece baseadas nesses horários. As brincadeiras, brinquedos e os horários de parque são estabelecidos pelo professor.

Com relação ao aproveitamento do espaço da instituição, foi possível observar que as crianças fazem muito uso das áreas externas do CEI e, na maioria das vezes, brincam livremente, tendo contado com crianças das diferentes turmas. Foram observadas poucas situações de brincadeiras dirigidas. No parque existe uma maior atenção das professoras na utilização dos brinquedos e as crianças são estimuladas a subir, descer, escorregar e se pendurar com cuidado e frequência. Os brinquedos utilizados são sempre recolhidos com o auxílio de todos, seja em sala ou nas áreas externas. O CEI não possui caixa de areia e o maior contato com os espaços naturais é mesmo o parque. Nele as crianças podem ter contato com terra

e folhas, o que é permitido pelos professores. Durante a observação, não houve a realização de atividades externas ao CEI e foi relatado pelos docentes que as saídas com as crianças são esporádicas.

O CEI possui toda sua mobília nova e adequada ao tamanho e à idade das crianças, mas convive com um problema de espaço por possuir salas muito pequenas. Grande parte dessa mobília é utilizada nas áreas externas, pois algumas salas não comportam crianças, mesas, cadeiras e colchões. Áreas temáticas são inexistentes, principalmente nas salas dos maternais que são muito pequenas. Não existe espelho na sala, brinquedos e livros ficam fora do alcance das crianças, segundo as professoras, devido à questão do espaço. O banheiro não é adaptado, o que não permite que as crianças utilizem-no sozinhas. A sala é pouco usada pelas crianças, pois a professora procura reverter a situação de falta de espaço utilizando as áreas externas para quase todas as atividades. O CEI, no geral, não possui condições necessárias de acessibilidade às crianças com deficiência.

A professora permeia seu planejamento e sua prática na música. Ela canta muito com as crianças, principalmente cantigas de roda e músicas infantis. Materiais pedagógicos são de livre acesso e não costumam faltar: papel, tinta, cola, cadernos e até mesmo materiais de higiene pessoal são fornecidos às crianças. A professora também conta muitas histórias e as crianças já demonstram prazer durante esse momento. Observou-se que as crianças recontam as histórias umas para as outras quando brincam com os livros. As crianças brincam muito de massinha e fazem construções com o auxílio das educadoras: bolinhas e animais com as forminhas são os prediletos. Atividades de pintura são mais raras e sempre de maneira dirigida e preestabelecida.

A relação de todos no CEI é muito agradável. Não se percebe indisposições mais sérias e disputas internas. A forma de conduzir as situações pela gestora permite um convívio harmonioso e focado no desenvolvimento das crianças. As crianças se relacionam com todos do CEI, as cozinheiras e funcionárias da limpeza

são parceiras e integram a equipe atendendo as crianças e professoras quando necessário com atenção e carinho.

As reuniões com as famílias são feitas, geralmente, duas vezes ao ano, mas a gestora sempre está disposta a atender os pais e o faz de acordo com as necessidades ou problemas apresentados. As famílias não parecem entender muito bem a função da Educação Infantil e essa foi a maior queixa das professoras que apresentam bastante dificuldade de trabalhar em parceria. Os familiares, principalmente dos pequenos, ainda convivem com a visão do assistencialismo e acreditam que as crianças estão no CEI apenas para ser cuidado, o que desvaloriza o trabalho do professor. As comunicações, na maioria das vezes, são feitas de forma direta, mas existem também os cadernos de avisos que sempre devem ser assinados pelos pais.

A observação participante com a turma do Maternal II possibilitou a percepção de que trabalhar na Educação Infantil é um desafio diário, pois a rotina dos cuidados muitas vezes sobressai ao desenvolvimento das brincadeiras e das atividades propostas. Observar um pouco o trabalho, sob outro ângulo, permite ver criticamente muitas falhas, mas acertos significativos diante de condições de trabalho adversas. Ser professor de Educação Infantil exige muita criatividade, disposição, conhecimento e dedicação. Um bom professor de Educação Infantil reconhece a criança em sua totalidade, enquanto ser social e produtor de cultura. Busca, diante de todas as adversidades, encontrar o seu caminho para promover o desenvolvimento dos pequenos.

3 A ação docente no estágio e a aprendizagem na Educação Infantil

Iniciar o estágio na Educação Infantil, para a estagiária que há tanto tempo lida com os pequenos na função de agente em atividades de educação, parece tarefa fácil. Desenvolver com as crianças o tema proposto pela professora do grupo não pareceu muito desafiador. Diante disso, elaborar o plano de ação aconteceu de

maneira tranquila e com muitas expectativas para colocá-lo em prática. As observações realizadas, guiadas pelo protocolo de observação, permitiram a coleta de informações acerca da dinâmica das relações estabelecidas pelos grupos de crianças com os quais foram realizadas as duas etapas do estágio.

Porém, o desenvolvimento das atividades propostas aconteceu com algumas situações inesperadas. Durante os momentos de observação, constataram-se algumas peculiaridades da turma do Maternal II, mas as muitas experiências práticas realizadas com sucesso anteriormente sustentaram a continuidade do trabalho. As crianças receberam a estagiária com entusiasmo e afetividade, participando ativamente de todas as atividades, mas demonstrando sempre ansiedade diante das novidades apresentadas. As atividades que envolveram música, movimento, brincadeira e surpresas foram muito significativas. Já aquelas que necessitavam de um pouco mais de concentração e espera foram mais difíceis de serem finalizadas com a participação de todo o grupo.

Nas primeiras atividades com música e na atividade do desenho do contorno do corpo de uma colega, as crianças participaram, demonstrando concentração. A turma tem crianças que falam muito pouco e, mesmo assim, identificou-se a participação da maioria delas que escolheu uma amiga para desenhar e nomear as partes do corpo.

Nesse momento, pode-se observar a presença do imaginário das crianças que diziam: “Coitadinha da amiga, ela não tem olho... não tem boca...”. A finalização da boneca construída a partir do desenho do corpo da colega gerou ansiedade nas crianças e teve que ser feita em outro momento. É importante lembrar que o professor de Educação Infantil deve planejar suas atividades de maneira comprometida com as necessidades das crianças, sendo capaz de agir diante de situações surgidas, promovendo a interação. Como afirmam Bonfanti e Freitas (2012, p. 77), “[...] o planejamento, na Educação Infantil, deve proporcionar situações em que a criança possa vivenciar as mais diversas experiências, fazer escolhas, tomar decisões e socializar descobertas”.

A partir desse momento, o que parecia “não muito desafiador”, tornou-se diariamente um estímulo diante dos pequenos afoitos por novidades. As brincadeiras livres na área externa permitiram observar as crianças que correram, pularam e se desentenderam por causa das bolas. O brincar com o amigo foi tarefa difícil para elas que necessitaram de intervenção constante. Já as brincadeiras dirigidas foram um pouco mais complexas e manter a atenção dos pequenos tornou-se difícil. Não foi possível que as crianças realizassem, por exemplo, a brincadeira de caminhar sobre os pés pintados e a brincadeira de encontrar seu sapato e calçar. Elas ficaram dispersas, demonstrando interesse maior em explorar a área externa do CEI. Nessa perspectiva, Kishimoto faz importantes colocações sobre o brincar e ressalta que:

A pouca qualidade da educação infantil pode estar relacionada com a oposição que alguns fazem entre o brincar livre e o dirigido. É preciso desconstruir essa visão equivocada para pensar na criança inteira, que em sua subjetividade, aproveita a liberdade que tem para escolher um brinquedo para brincar, e a mediação do adulto ou de outra criança, para aprender novas brincadeiras. A criança não nasce sabendo brincar, ela precisa aprender, por meio das interações com outras crianças e com os adultos. Ela descobre em contato com objetos e brinquedos certas formas de uso desses materiais. Observando outras crianças e as intervenções da professora ela aprende novas brincadeiras e suas regras. Depois que aprende, pode reproduzir ou recriar novas brincadeiras. Assim elas vão garantindo a circulação e preservação da cultura lúdica. (KISHIMOTO, 2010, p.1).

A colocação da autora e as reflexões supracitadas sobre a turma reafirmam a importância das interações da criança com outras crianças e com adultos em sua formação e desenvolvimento. As crianças do CEI parecem “não saber brincar” e diante das novidades apresentadas demonstraram toda sua ansiedade em desfrutar daqueles momentos. Tal situação revelou a escassez de atividades destinadas à brincadeira e à interação, demonstrando claramente um planejamento voltado para rotinas fixas. Como afirmam Bonfanti e Freitas (2012, p. 47),

[...] é importante que, na Educação Infantil, o professor considere o grupo de crianças pensando, sempre, num planejamento que leve em conta a diversidade de idade, as possibilidades de escolha em uma rotina flexível, oferecendo espaços para brincadeira e interações diversas entre adultos/crianças e crianças/crianças.

Durante a intervenção, etapa do estágio em que se assume a regência da turma, guiada pelo plano de ação, a construção de bonecos se constituiu num momento significativo que contou com a participação de todos. Descobrir o que havia numa caixa surpresa, perceber as diferenças de gênero, realizar o enchimento e terminar os bonecos gerou a participação e a expectativa das crianças. Estimular a curiosidade e a descoberta permitiu manter um pouco mais a concentração em uma atividade dirigida. Todavia, durante essa atividade, surgiram situações de conflito e de disputa que necessitaram de auxílio para a tentativa da compreensão da coletividade e do respeito ao amigo.

A atividade dos quebra-cabeças com figuras do corpo humano foi outra que demonstrou a necessidade de constante inovação do professor de Educação Infantil, repensando constantemente suas práticas e atividades diante da necessidade de cada grupo de crianças. O que parecia tão divertido e simples tornou-se material para outras propostas: as caixas eram divertidas para bater, sentar, jogar e até mesmo rasgar. Realizar a montagem dos quebra-cabeças necessitou de intervenção que gerou, para algumas crianças, entendimento do que era proposto e, para outras, o desinteresse diante do brinquedo. Os bonecos foram montados, mas as crianças também brincaram com as caixas em sala e na área externa. A partir daí, percebe-se a especificidade dos pequenos e a inadequação de algumas atividades para as necessidades do grupo que ainda precisava de brincadeiras mais dinâmicas com exploração mais geral do seu próprio corpo.

Silva (2010), explica a importância de observar e perceber as idades e os desejos das crianças ao serem escolhidos os brinquedos. Eles devem ser “[...] fonte de inspiração para a brincadeira, devem dar a possibilidade de exploração e manipulação” (SILVA, 2010, p. 59).

Nesse momento, cantar e brincar com bolas, interagindo com os amigos, foram atividades mais exploradas e que despertaram maior atenção das crianças. Diante disso, a atividade de massagem nos pés, entre as crianças, permitiu o contato com os amigos e a relação do toque no outro proporcionou um momento de

relaxamento. As crianças gostaram muito de utilizar o creme e de massagear os colegas. Algumas, muito tímidas, preferiram massagear a si próprias e outras já queriam massagear a turma inteira. O momento foi de interação, despertando o interesse de amigos de outras turmas, reafirmando a função de educar na Educação Infantil.

Educar significa, portanto, proporcionar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança. (BRASIL, 1998, vol. 01, p. 23).

A atividade proposta com o Maternal II para finalizar a etapa da intervenção procurava valorizar o momento da refeição como importante para a convivência com o próximo, o respeito e a higiene. Momento rotineiro e destinado sempre à alimentação das crianças, com tempos e horários estabelecidos, a alimentação também deve ser momento prazeroso de convívio social. Alimentos bem preparados e uma mesa bem posta traz para o ambiente do CEI e para as crianças a formação de hábitos sociais de respeito e educação. As crianças gostaram bastante de utilizar o jogo americano (confeccionado para as atividades do estágio) para se alimentarem e se sentiram importantes. Os amigos de outras turmas também ficaram curiosos com a mesa tão colorida e foi perceptível a preocupação de algumas delas de não sujar o seu “paninho” (nome dado pelas crianças ao jogo americano).

Bonfanti e Freitas (2012) destacam que, na Educação Infantil, cuidar e educar são indissociáveis e complexos. O cuidar faz parte do desenvolvimento infantil e exige do professor uma percepção a respeito das necessidades das crianças. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) salienta que:

Contemplar o cuidado na esfera da instituição da educação infantil significa compreendê-lo como parte integrada da educação, embora possa exigir conhecimentos, habilidades e instrumentos que extrapolam a dimensão pedagógica. Ou seja, cuidar de uma criança em um contexto educativo demanda vários campos de conhecimento e a cooperação de profissionais de diferentes áreas. (BRASIL, 1998, vol. 01, p. 24).

Na segunda etapa do estágio, a proposta foi a produção de materiais e a realização de oficinas, com a possibilidade de interagir com crianças de outras turmas e idades. Dessa forma, decidiu-se realizar uma apresentação teatral com fantoches que envolvesse as turmas de Jardim II.

Durante a preparação dos fantoches e do teatro, percebeu-se a curiosidade presente nas crianças que estavam sempre perguntando: “O que você está fazendo?”. No ambiente do CEI, toda atividade que possibilite às crianças vivenciar algo fora das rotinas traz constante ansiedade e curiosidade. Sabe-se que algumas rotinas são de fundamental importância para organização do trabalho e trazem a segurança ao ambiente. Mas, o que se observou, foi a constante falta de flexibilidade das rotinas e das atividades desenvolvidas com as crianças. É preciso ressaltar, como afirmam Bonfanti e Freitas (2012, p. 58),

[...] a importância de flexibilizar a rotina, possibilitando atividades diversificadas e, muitas vezes, simultâneas, conforme requeiram maior ou menor movimentação, individuais ou em grupo, solicitem maior ou menor concentração, repouso, além de atividades dos diferentes eixos de trabalho.

O primeiro contado com as crianças demonstrou toda a satisfação delas com a possibilidade de serem convidadas a participar da peça teatral. Antes da apresentação, foram entregues às crianças, utilizando-se de fantasias de mágicas, os convites do teatro. As crianças se encantaram com aquele momento e ficaram ansiosas esperando sua vez para retirar o convite. De acordo com Silva (2010, p. 92), “[...] no momento em que estão em espaços educativos, é importante que as crianças tenham a possibilidade de apreciar espetáculos teatrais”. A autora vai além, relatando que é preciso que a criança vá realmente ao teatro vivenciando essa rica experiência cultural. Sendo assim, dentro da realidade do CEI, tentou-se reproduzir alguns pequenos aspectos do teatro que levassem as crianças a interagir com os outros, tomar decisões e esperar sua vez.

A realização do teatro foi um momento muito apreciado por todos. As crianças participaram com reações muito positivas, demonstrando satisfação e bem estar. Ao final do teatro, demonstraram interesse em reproduzir a peça utilizando os

fantoches. Nesse momento elas puderam interagir brincando de faz-de-conta. Para Silva (2010), dos quatro aos sete anos a criança, ao brincar, aproxima-se ao máximo do real.

A criança tentará imitar de forma mais coerente possível, procurando adequar movimentos corporais, sua expressão vocal e composição de cenários adequados aos papéis que representa, buscando aproximar-se de forma mais eficaz dos modelos reais que imita (SILVA, 2010, p.91).

As crianças realizaram as atividades da oficina de artes plásticas sendo participativas e o momento promoveu interações significativas entre adultos-crianças e crianças-crianças. As produções, principalmente os desenhos, demonstraram que as crianças compreenderam a história apresentada no teatro de fantoches, seu contexto e seus personagens. Durante a atividade de pintura, entretanto, as crianças demonstraram maior necessidade de intervenção da estagiária. A falta de situações que oportunizam o desenvolvimento da realização de escolhas levou à desorganização do grupo que necessitou do estabelecimento de algumas regras. É importante que o professor de Educação Infantil lembre que trabalhar com a criança desde pequena precisa possibilitar a ela a escolha de momentos e atividades, proporcionando o desenvolvimento da autonomia e da boa convivência do grupo.

Ambientes previsíveis e organizados encorajam as crianças a compartilhar ações e seus jogos de maneira direcionada e emocionalmente positiva. Quando, ao contrário, os materiais são escassos, as atividades são monótonas, os objetos são desinteressantes, ou o local é desorganizado, percebe-se uma inibição da harmonia dos jogos, as crianças tendem a se movimentar impacientemente de um lugar para outro e a competição e as situações de conflitos aumentam (BONFANTI e FREITAS, 2012, p. 55).

O desenvolvimento do estágio demonstrou sua importância e reafirmou o papel peculiar do educador que deve estar pronto para situações adversas, sendo capaz de zelar sempre pelo bem estar das crianças durante as situações de aprendizagem. Conforme relatado, nem tudo que foi planejado, foi executado (principalmente na primeira etapa), mas estar com as crianças, observar o dia a dia da instituição e tentar compreender as necessidades reais do grupo beneficiou o desenvolvimento de novas competências profissionais que vão ao encontro da

concepção que atualmente se tem de criança e as novas propostas para Educação Infantil.

O professor que compreende a criança como ser ativo, que possui conhecimentos prévios, precisa tomar esses conhecimentos como ponto de partida para sistematizá-los e ampliá-los para além daquilo que já sabe. Para isso, é fundamental que o educador permita e crie oportunidades de contato da criança com objetos físicos, sua manipulação e exploração, que proporcione espaços de fala, troca e interação entre crianças da mesma e de diferentes faixas etárias e também com adultos. (BONFANTI e FREITAS, 2012, p. 71).

Como ressaltado anteriormente, o momento do estágio permitiu uma reflexão direta sobre a prática na Educação Infantil. Proporcionou analisar e refletir sobre os estudos feitos, sobre a concepção de infância e de criança e suas atribuições. Primordialmente, refletir sobre o papel peculiar do professor de Educação Infantil que requer uma formação específica, uma experiência adquirida e uma sensibilidade ímpar para lidar com as crianças. Um professor de Educação Infantil nunca está totalmente pronto e cada grupo de crianças, constituídos enquanto seres sociais produtores de cultura, apresenta-se de maneira diferente e requer atividades diferentes. Mas isso é um exercício diário e que nunca termina. Professor de Educação Infantil é comprometido com a criança, com o respeito a sua infância e com o desenvolvimento dos pequenos em parceria com suas famílias.

4 Considerações finais

O desenvolvimento das atividades do estágio permitiu observar o espaço da Educação Infantil com maior atenção e de maneira crítica. Trabalhar durante muitos anos com as crianças e acompanhar sem muito entendimento todas as mudanças, muitas vezes, causam certas dúvidas e pouca aceitação. Mas, diante dos estudos e leituras desenvolvidas, o estágio contribuiu de maneira significativa para a compreensão de novas propostas educacionais e do longo caminho a percorrer para a efetivação das mesmas.

Durante o estágio, percebeu-se claramente, na situação observada, que a Educação Infantil ainda permanece centrada nas necessidades e desejos dos adultos e que as crianças pouco espaço têm no processo ativo de seu desenvolvimento. As atividades desenvolvidas no CEI estão centradas na realização das necessidades básicas das crianças e no ato de cuidar. A realização efetiva do binômio cuidar e educar não se efetiva e muitos dos profissionais do CEI realizam suas atividades separando claramente esses momentos. Sabe-se que as observações feitas não devem levar a generalizações, mas apontar alguns dados significativos pode beneficiar a mudança de atitudes e a realização das atividades com as crianças. Muito dessa situação ainda é fruto de um passado assistencialista, com cita Bonfanti e Freitas (2012, p. 49):

O atendimento de crianças dessa faixa etária esteve atrelado, por muito tempo, às concepções advindas dos conhecimentos da área da saúde, traduzidas pelas iniciativas vinculadas ao assistencialismo, enfatizando uma prática que se sustentava pela saúde, higiene, nutrição, normatização de tarefas.

Algumas outras questões relativas à organização dos espaços e tempos foram também claramente observadas, muitas vezes, pela falta ou, até mesmo, pela total ausência de ambientes acolhedores que proporcionem um sentimento de segurança e bem estar das crianças. Além de conviver com problemas graves de espaço limitado, algumas das salas contam com poucos atrativos e disponibilidade de materiais acessíveis ao desenvolvimento da autonomia e do poder de escolha das crianças. Bonfanti e Freitas (2012, p.55) salientam que “[...] o espaço físico, os objetos e os materiais destinados às crianças também comunicam a concepção de ensino e de aprendizagem, constituem ambientes educativos e merecem atenção”.

No desenvolvimento das atividades planejadas, ressaltou-se a importância do conhecimento das concepções de criança e de infância e das necessidades específicas de cada grupo que depende diretamente de suas experiências e de sua faixa etária. Um planejamento sempre flexível, concebido para e com as crianças,

possibilita as mais diversas experiências e proporciona o desenvolvimento das crianças em todas as suas potencialidades.

Enfim, o estágio proporcionou momentos de reflexão para a constituição profissional do professor de Educação Infantil, o que exige um conjunto de qualidades específicas que vai além dos cuidados básicos. Observar, relatar, produzir e interagir com as crianças são algumas dessas características básicas que devem acompanhar o professor ao longo de sua formação profissional. O envolvimento constante com as crianças na observação e na intervenção, proporcionando situações onde o brincar assume papel fundamental, é tarefa de desafio diário. Consideradas essas análises, pode-se afirmar, de acordo com Pimenta e Lima (2005/2006) que:

[...] o papel da teoria é oferecer aos professores perspectivas de análise para compreenderem os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si mesmos como profissionais, nos quais se dá sua atividade docente, para neles intervir, transformando-o. Daí é fundamental o permanente exercício da crítica das condições materiais nas quais o ensino ocorre (PIMENTA e LIMA, 2005/2006, p. 16).

A profissionalização do professor de Educação Infantil faz-se necessária para a sua valorização. As instituições e seus profissionais possuem especificidades e o cuidar e o educar precisam começar a ser vistos realmente como indissociáveis. Práticas assistencialistas, com rotinas centralizadas nas necessidades do adulto, necessitam de revisão por parte dos profissionais da educação que atuam na área. Para que isso ocorra, novas pesquisas são necessárias, uma vez que os espaços da prática educativa são o campo de atuação dos docentes, tanto os que concluíram a formação inicial, quanto aqueles em processo de formação, e o conhecimento e a interpretação da realidade são o ponto de partida da formação.

A construção da identidade docente se faz no singular percurso de formação e exercício da docência. Tem seu ponto de partida na formação inicial e se desenvolve ao longo da carreira. É nessa perspectiva que o estágio tem função primordial, pois propicia ao docente em formação a possibilidade de validar e/ou

questionar saberes já constituídos por meio da reflexão-ação, bem como desenvolver novos saberes por meio da análise da prática. Esse movimento dialético proporciona a apropriação desses novos saberes quando a prática é refletida, analisada e embasada nos fundamentos em estudo nos cursos de licenciatura.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **A investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BONFANTI, C.; FREITAS, A. de. **Estudos temáticos: educação infantil**. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: introdução**, v. 01. Brasília: MEC/SEF, 1998.

KISHIMOTO, T. M. **Brinquedos e brincadeiras na Educação Infantil**. In: BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica, 2010.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis**, vol. 3, n. 3 e 4, pp. 5-24, 2005/2006.

_____. **Estágio e docência**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, S. C. V. **Jogos e brincadeiras na infância**. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2010.

UNIVALI. **Projeto Pedagógico: Curso de Pedagogia – Modalidade Educação a Distância**. Itajaí: UNIVALI - ProEn, 2012.

_____. **Regulamento do Estágio Obrigatório, do Estágio Não Obrigatório, da Prática Docente e das Atividades Complementares do Curso de Pedagogia – Modalidade Educação a Distância**. Resolução N.º 148/CONSUN-CaEn/2012. Itajaí: UNIVALI-CONSUN-CaEn, 2012.